

CONFERÊNCIA | O ATLÂNTICO – A NOVA CARTA DO HUMANISMO

4 setembro 2023

A universalidade do humanismo.

Em 1996, em Luanda, foi instituída a CPLP, a organização que intenta representar Comunidade dos Países de Língua Portuguesa. Hoje homenageamos o seu 27º aniversário com a presença ilustres altos dignatários, designadamente o Presidente da República portuguesa, Professor Marcelo Rebelo de Sousa. E à maneira protocolar moçambicana, na pessoa do nosso querido Presidente Marcelo considere-se o protocolo de cumprimentos e de agradecimentos formalizado.

Permitam-me, meus amigos, uma querida da exceção. Viva o professor Edgar Morin. Está-me vedado fazer qualquer apresentação do professor Edgar Morin, Se, e, acaso, a fizesse estaria sempre incompleta. E por isso, entendo que não justifica. Todos sabemos ao que viemos e porque viemos.

Este encontro reflecte rotas de povos que utilizam a língua e valores, a que se entende chamar Lusofonia. Estes povos, sob a influência do Mar, identificados por um conjunto de países, ligados por usos e costumes aprendidos tacitamente, e que fazem parte de uma história partilhada, nem sempre feliz, mas que pode induzir um futuro mais promissor e solidário se houver um modelo político esclarecido, inclusivo e activo.

É evidente que a maneira desta gente estar no mundo exige, para além do convívio das diversas línguas locais no instrumento que reconhecem como um dos seus idiomas oficiais, a língua portuguesa, a capacidade de criar e desenvolver uma Academia moderna, sexy e competitiva, focada para as suas ciências e humanidades, assim como a dinamização e a valorização de valores a que denominamos de Humanismo. Esta capacidade não é apenas uma questão de mercado, é, sim, **uma questão de soberania**: é o respeito que nos valoriza.

Nada melhor do que um exemplo para se oferecer imagens claras do que pretende.

Edgar Morin, filho de um otomano de Salónica, de origem sefardita espanhola, nasceu em Paris. Foi a causa da soberania que o fez juntar à resistência francesa, em 1940, com o codinome Morin. Mas é o inconformismo que suporta a sua extensa e ímpar obra académica e literária.

Ainda na década de 1960, Edgar Morin viajou pela América Latina. Nessas caminhadas aprofundou a antropologia, a sociologia, a economia, a filosofia e a comunicação como áreas de Saber multidisciplinares, com fronteiras mal definidas, onde a profundidade da investigação oferece alicerces para o Humanismo que tão bem nos transmite.

Sabemos ao que viemos e porque viemos.

O que traz aqui uma modesta federação de instituições financeiras cooperativas, a Agrimútuos?

A Agrimútuos tem sede social em Leiria. Foi precisamente nessa região que o Rei D. Sancho II, no século XIII, determinou a plantação de um pinhal que serviu a indústria naval portuguesa. As instituições financeiras que integram a Agrimútuos, tal como a maioria das suas cerca de setenta congéneres portuguesas, surgiram pela necessidade de solidariedade ancoradas nas comunidades locais. A visão dos seus membros está suportada nos princípios formulados por Friedrich Raiffeisen (1818-1888) designadamente: a adesão voluntária e aberta, o controlo democrático, a distribuição das rendas como "dividendos cooperativos", e um compromisso com a educação e o desenvolvimento. Estas instituições, maioritariamente centenárias, conheceram crises económica, financeiras, sociais, tecnologias disruptivas e *governance*. As Caixas de Crédito Agrícola Mútuos do Bombarral, da Chamusca, de Leiria, de Mafra, de Torres Vedras, mas também as de Pombal, da Batalha, dos Açores, entre outras, nunca necessitaram de apoio económico do contribuinte português. Comparam entre os melhores indicadores económicos e solvabilidade da banca internacional. A emergente economia digital não as obrigou a fechar balcões e despedir funcionários. Ajustaram as disponibilidades às necessidades, ou seja, a fraternidade imperou.

Aqui chegados, sabemos ao que viemos e porque viemos.

Na sua recente 14ª cimeira, em São Tomé e Príncipe, a CPLP reforçou o seu poder institucional pela autoridade delegada pelos sete Presidentes da República presentes. E como se pretende exercer esse poder? O que esperar da CPLP? E das comunidades que a compõem? E dos seus líderes?

Na geopolítica, é a eficácia que oferece legitimidade. Todos temos o dever de aferir essa responsabilidade. É a eficácia da cidadania. “Aquilo que é tecido em conjunto” vinga, porque é o uso dos “pesos e contrapesos” que monitoriza o poder. E assim se mitiga o erro e se valoriza a competitividade e o mérito.

Edgar Morin ensina-nos a importância do (i) pensamento crítico, da (ii) comunicação/compreensão, da (iii) colaboração e da (iv) criatividade como suportes da cidadania. À guisa de conclusão, permitam-me recordar três das suas recentes obras. Assim, em 2019, em “La Fraternité, pourquoi” apresenta a “coisa” que move o movimento cooperativo: a fraternidade. Mas recorda-nos que ao invés da “liberdade” e da “igualdade”, “a fraternidade não se implementa pela lei, ela deve partir de cada um”.

Já em 2021, em “Leçons d'un siècle de vie”, Edgar Morin, com a sua vida como testemunho, instruiu-nos a: (i) resistir a todas as formas de domínio “sem respeito”; (ii) tomar consciência da complexidade humana e garantir a sua realização; (iii) ter fé no amor, observando que “ao sacrificar o essencial pela emergência, acabamos por esquecer a urgência do essencial”.

Finalmente, em 2022, em “Réveillons-nous!”, indaga “como apreender o mundo que está-se transformar de crise em crise”. Apreender é reter a aprendizagem. E obriga-nos a refletir sobre a responsabilidade social que somos credores em relação às nossas comunidades, aos nossos *stakeholders*, aos nossos acionistas.

Como nos ensina Morin, “o reconhecimento da nossa humanidade comum e o respeito pelas suas diferenças são as bases sobre as quais a fraternidade entre todos os seres humanos poderia desenvolver-se face ao nosso destino comum numa aventura comum”.

Meu querido professor Edgar Morin. Muito obrigado pela sua alegria! **É bom saber viver.**

Minha querida Nelma Fernandes, ilustre presidente da Confederação Empresarial da CPLP, agradeço o convite e felicito-a pela escolha dos temas e dos painéis. Portugal necessita de empresários, de empreendedores, de gestores, de trabalhadores e de cidadãos da CPLP. O conceito de fraternidade, recordado nos associados da Agrimútu, e, seguramente de todas as outras organizações de índole cooperativo, será recordado, implementado e difundido. Portugal foi grande quando se abriu ao mar e assim conheceu mundo!

Foi por isso, e para isso que aqui viemos.

A todos, o nosso muito obrigado.